

ESPIRITUALIDADE MANIFESTA: *SITCOM FRIENDS* EM DIÁLOGO COM PRINCÍPIOS DE LEONARDO BOFF SOBRE ESPIRITUALIDADE¹

MANIFESTED SPIRITUALITY: *SITCOM FRIENDS* IN DIALOGUE WITH LEONARDO BOFF'S PRINCIPLES ON SPIRITUALITY

Paulo Felipe Teixeira Almeida²

Resumo

Este artigo visa trazer à tona uma inusitada reflexão sobre espiritualidade. O pano de fundo para esta reflexão dá-se diante do contexto urbano, de qualidade cosmopolita. O desejo central deste artigo é o de proporcionar um diálogo entre uma representação da realidade, através da análise de uma espiritualidade manifesta na *sitcom Friends*, e diante da ótica de Leonardo Boff no tocante a espiritualidade, através de sua obra "Virtudes para um outro mundo possível". Assim, se fosse possível esboçar uma visão disto, se propõe alguém diante da TV, assistindo aos episódios do famoso seriado *Friends* e com a obra de Boff em mãos. Melhor ainda, alguém sentado junto de Boff, ambos assistindo ao famoso seriado e lançando suas percepções em um amistoso diálogo, cheio de interesse para reconhecer pontos de correlação entre o que pensa, diz e escreve o teólogo e o que descreve a série em áudio, imagem e movimento.

Palavras-chave: Espiritualidade. Cultura televisiva. Cultura pop.

Abstract

This article aims to bring to light an unusual reflection on spirituality. The backdrop for this reflection is given before the urban context of cosmopolitan quality. The main desire of the original research was to provide a dialogue between a representation of reality, from the urban context, through the analysis of a spirituality manifested in the sitcom *Friends*, and the perspective of Leonardo Boff regarding spirituality, through his work "Virtues: For Another Possible World." So, if it were possible to sketch a vision of this, let us imagine someone in front of the TV, watching an episodes of the hit series *Friends* and with the work of Boff at hand. Better yet, someone sitting next to Boff, both watching the hit series and talking about their perceptions in a friendly dialogue, fully intent on recognizing points of correlation between what a theologian thinks, says, and writes, and which describes the series in audio, image, and movement.

Keywords: Spirituality. Television culture. Pop culture.

¹ Este artigo é resultante do recorte e adaptação de parte do Trabalho de Conclusão de Curso de Mestrado Profissional em Teologia/Dimensões do Cuidado e Práticas Sociais para obtenção do grau de Mestre em Teologia (Faculdades EST) – PPG – Programa de Pós-Graduação – São Leopoldo/RS (2014). *ALMEIDA, Paulo Felipe Teixeira. Espiritualidade manifesta: *sitcom Friends* em diálogo com princípios de Leonardo Boff sobre espiritualidade. São Leopoldo, RS, 2014. 76 p. Dissertação (Mestrado Profissional) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2014. Orientador: Dr. Júlio César Adam.

² Licenciado em Pedagogia (ULBRA). Bacharel em Teologia (EST). Especialista em Teologia/Missão Urbana (EST). Mestre em Teologia/MP-Dimensões do Cuidado e Práticas Sociais (EST). Doutorando em Teologia – Bolsista da CAPES (EST). E-mail: prfeliपालmeida@gmail.com.

Retomada da espiritualidade manifesta, a partir de uma perspectiva e de uma vivência cáltica, cristã inclusive

A partir de minhas impressões pessoais nas aulas da disciplina de *Culto Cristão na América Latina*, ministradas pelo Prof. Dr. Júlio César Adam, incluindo – obviamente – as leituras sugeridas, as apresentações individuais e as em grupos, como também os debates, retomo parte de minha dissertação do mestrado profissional³ sob algumas das óticas assimiladas, assim, nestas novas vivências acadêmicas proporcionadas.

Neste ensejo, um questionamento de caráter reflexivo que me alcançou, inicialmente, foi a ideia de que diante do culto cristão e, ainda, do culto em si, do cáltico; ou seja, daquilo e para quê se presta o cultual, saliento duas circunstâncias ou expectativas que possam ser previstas e/ou elaboradas: *a declaração do que se tem*, ou daquilo, ou do quê ou sobre quem já se tem; e, ainda, *a declaração do que não se tem*, ou daquilo, ou do quê ou sobre quem falta. Ou como salienta Bieritz: “O ambiente em que vivemos está presente no culto. Nossa relação com este ambiente se reflete no culto – em atitude de concordância ou contradição”⁴.

Desta forma, reproduzo parte da minha pesquisa, supramencionada, no intento de correlaciona-la com estas impressões sobre o culto e suas nuances; e, eventualmente, introduzindo comentários, munido deste intento de analogias.

Culto na cafeteria?

Aceitas um café? Um expresso, com raspas de limão, pingado, cortado, cappuccino, mocaccino, ou quem sabe um chá? Seja o que for, pensemos nesta como uma pergunta comum a um dos principais ambientes do seriado/*sitcom Friends*⁵. Penso que recapitular, assim, aludindo aos cheiros e aos sabores característicos que ambientaram tantos encontros

³ ALMEIDA, Paulo Felipe Teixeira. *Espiritualidade manifesta: sitcom Friends em diálogo com princípios de Leonardo Boff sobre espiritualidade*. São Leopoldo, RS, 2014. 76 p. Dissertação (Mestrado Profissional) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2014.

⁴ SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich. *Manual de ciência litúrgica: ciência litúrgica na teologia e prática da igreja*. São Leopoldo: Faculdades EST, Sinodal, 2011. p. 143.

⁵ Breve artigo relembra e ambienta a série: “O tempo voa quando se está entre amigos. Há vinte anos, estreava *Friends*, uma das sitcoms mais bem-sucedidas e famosas da televisão. Isso significa que, há dez anos, era exibido também seu final, que foi visto por cerca de 52,5 milhões de pessoas nos EUA, e é o quarto desfecho de série mais visto naquela década no País”. CARDOSO, Clarice. O que foi feito do grupo de amigos dez anos depois de “*Friends*”. *O Estado de S. Paulo*, 8 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/arte-e-lazer,o-que-foi-feito-do-grupo-de-amigos-dez-anos-depois-de-friends,1127902,0.htm>>. Acesso em: jan. 2014.

e desencontros, nos rememoraré com mais facilidade o mundo da *sitcom Friends*. Com o intuito, também, de encontrar uma atmosfera de vivência espiritual, pela intensidade da comunhão e da amizade que permanecem.

Como evento perceptível no tempo e no espaço, o culto cristão faz parte do mundo criado por Deus. Ele está vinculado a lugares e tempos específicos, através dos quais e nos quais ganha forma. Essa forma, por sua vez, é do tipo objetivo, perceptível aos sentidos: ela pode ser vista e ouvida, degustada, cheirada e tocada [...].⁶

A pesquisa em questão, à qual se refere este breve recorte, partiu da proposição de que a *sitcom Friends* possui elementos que a caracterizam como ambiente que nos serve de referência para uma devida representação do contexto urbano, expressão de uma realidade globalizada pelas características cosmopolitas da cidade em que a mesma se ambienta⁷.

Diante das narrativas de perdas de referências, comum às grandes cidades, naturais receptoras⁸ de egressos de outros tantos lugares; que procuram, nestas, oportunidades de crescimento pessoal e – primordialmente – econômico-financeiro, podemos citar que o exercício da hospitalidade se torna essencial item de sobrevivência sadia.

Após este primeiro momento de confronto e adaptação, é importante outro momento, o da acolhida, em que pessoas se encontram em grupos e se conscientizam que precisam se acolher, mutuamente, o que encaminha para o desafio da coexistência, da convivência – preferencialmente – pacífica, mas nem sempre possível; por isso, a ideia da tolerância e do respeito abordadas amplamente por Boff, em especial, nos três volumes de *Virtudes para um outro mundo possível*⁹, que serviram de base para a pesquisa original deste recorte em forma de artigo.

Quebradas as distâncias e alicerçado o desejo de coexistir, de conviver, se avança para o sublime estágio do comungar, da comensalidade, pois. O comer e beber juntos não se limita, inclusive e curiosamente, na *sitcom Friends* à mecânica proposta, não raro, pelas

⁶ SCHMIDT-LAUBER, 2011, p. 143.

⁷ Nova Iorque, a conhecida metrópole mundial, é a cidade em que se ambienta a trama da *sitcom Friends*. Entretanto, segundo um site especializado em dicas para viagens, a série foi gravada na Califórnia. GOUVEIA, Julia. Friends, Sex and the city, Seinfeld: a nova York dos seriados. *Viagem, Blog da VT*, 5 set. 2012. Disponível em: <<http://viajeaqui.abril.com.br/blog/blog-da-vt/2012/09/05/friends-sex-and-the-city-seinfeld-a-nova-york-dos-seriados/>>. Acesso em: jan. 2014.

⁸ O uso do termo “receptoras”, aqui, contrapõe-se ao termo “acolhedoras”. Nem sempre podemos dizer que o ambiente urbano é – naturalmente – acolhedor. Normalmente, em minha experiência pessoal, escuto – não raro – o relato, inicial, de susto e de espanto daquelas e daqueles que migram para a “cidade grande” em busca de melhores condições e qualidade de vida.

⁹ “Virtudes para um outro mundo possível”, em três volumes, lançados pela Editora Vozes Ltda.

idades de grande porte, onde, muitas vezes, o alimentar-se se assemelha ao “dar de comer aos animais”, ou seja, servir a “ração” para que voltem ao trabalho/rotina até que estejam prontos para o abate, para o descarte. Aqui, vimos que a amizade requer comunhão e que esta se manifesta em plenitude no dia a dia, na acolhida, na convivência, mas – de forma quase transcendental – na comensalidade. A vivência da espiritualidade apresenta-se como algo necessário, e, também, disponível e acessível. Veja destaque, neste sentido, dado por Adam,

[...] talvez, a religião institucional tenha deixado há tempos de estruturar a sociedade e a cultura como um todo, mas o religioso continua, como uma ‘entidade humana’ às soltas, mais do que nunca, criando elos de sentido entre as pessoas, criando e recriando o mundo.¹⁰

Tal qual celebração (poderíamos já, neste ponto, introduzir a ideia de culto ou, pelo menos, elementos deste), então, esta comunhão representada e exposta, nas amizades da *sitcom Friends*, permite encontros em que as pessoas podem se perceber especiais, umas para com as outras. Conforme salienta Adam, a vivência do transcendente é inerente, é necessária, é vital para toda a pessoa, tal qual um

[...] exercício humano de transcender e transpor os limites do tempo e do espaço, através da imaginação, na busca de sentido, de valor, de contato, de esperança, para que a vida seja suportável e viável. Nesta busca, por detrás dos limites do tempo e do espaço, o ser humano se encontra com o divino e lhe atribui formas e conteúdos.¹¹

A amizade e suas implicações, portanto, recebe toda uma gama de sentido, de maneira a representar a subsistência espiritual de um grupo. Esta não pára aqui e se expande em complexidade. Como que num crescente, percebemos – também – na *sitcom Friends* uma intrigante jornada em busca de um outro nível de comunhão, aquela almejada quando se pensa em toda a vida, aquela que se fez fortemente desejável e presente, episódio a episódio: uma jornada da amizade ao casamento. Percebeu-se esta dinâmica sadia de conhecer e se fazer conhecido, acolher, conviver, alimentar-se e perceber que isto pode ir além, na conjugação e formação de uma nova família, em que filhas e filhos virão e serão servidas e servidos desta amorosa dinâmica: amizade entre pais, mães, filhas e filhos,

¹⁰ ADAM, Júlio César. Deuses e liturgias nas mídias. In: SCHAPER, Valério Guilherme et alii (Orgs.). *Deuses e ciências na América Latina*. São Leopoldo: Oikos; EST, 2012b. p. 180.

¹¹ ADAM, 2012b, p. 179.

todos juntos e integrados, junto de outras, de outros que possam aprender este caminho, deste caminho!

Obviamente que a esfera espiritual pode tomar forma em diversas tradições. Mas poderia ser ineditismo esta reflexão? Alguns poderiam pensar que sim. Entretanto, tem sido motivo de pesquisa e nomeação esta percepção que vê espiritualidade fora de nossas habituais tradições de fé, fora das cercanias religiosas institucionais. Pesquisadores como Júlio César Adam e Iuri Andréas Reblin já o fazem e com criatividade e substancial sustentação teórica. Nestes podemos, por exemplo, verificar termos que identificam pesquisas similares como “religião vivida” (Adam) e “teologia do cotidiano” (Reblin).

Vejamos, através desta criativa ilustração, parte da argumentação de Adam, em defesa de que a religião pode ser perceptível em interfaces distintas das habituais, fazendo – especificamente – um confronto entre religião e cinema de ficção científica, para percebê-la:

As pessoas se aproximam do grande templo. Faltam apenas 13 minutos para iniciar o culto. Os membros dirigem-se com suas famílias e com seus grupos ao Santo dos Santos, dentro do grande templo. A oferta para o sacrifício precisa já ser deixada antes de entrarem no Santo dos Santos. Ali, também adquirem a comida e a bebida usada na grande eucaristia, refeição de ação de graças pela vida e o trabalho, em comunhão fraterna cultural. Adentrando o ambiente sagrado, com suas luzes bruxuleantes, fazem silêncio, como parte da devoção. Em poucos minutos, no horário marcado, os avisos sobre os próximos cultos são transmitidos. Em seguida, apagam-se também as luzes bruxuleantes. Há silêncio total no ambiente. Inicia-se o culto de 2 horas e 10 minutos. Luzes radiantes incidem sobre o grande altar da vida. “O verbo se fez luz e se projetou entre nós” (GÓES, 2003). Lá, céu e terra se encontram. No grande espelho das imagens, cada participante vê sua vida refletida, projetada, e, assim, a existência ganha sentido, ganha transcendência.¹²

Para quem lê e, porventura, não conheça a obra – acima mencionada – terá, a seguir, o inusitado desfecho: “O culto acima descrito trata-se de uma sessão de cinema, no grande templo moderno do shopping center. Sim, religião tem a ver com cinema e cinema com religião.”¹³

Já na perspectiva sustentada por Reblin, existe um encontro em que

Falar em teologia é falar daquilo que faz as pessoas aguentarem firmes diante da morte e aguentarem firmes durante a vida, é falar de situações de desespero, de

¹² ADAM, Júlio César. Da ficção científica para a ficção religiosa: ideias para pensar o cinema de ficção científica como o culto da religião vivida. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 10, n. 26, abr./jun. 2012a. p. 553.

¹³ ADAM, 2012a, p. 553.

angústia e também é falar dos sinais de esperança. Isso significa que, de uma forma ou de outra, a teologia sempre está presente.¹⁴

Existe, portanto, esta necessidade do encontro consigo e com a vida ao redor, ou seja, “[...] mergulhar dentro de cada indivíduo, em sua história pessoal, em seus encontros e desencontros diante da ambiguidade da vida.”¹⁵ Isto é, segundo Reblin, uma das expressões da teologia do cotidiano. Mas, também, envolve o “[...] dizer acerca das coisas divinas, das coisas sagradas, das coisas melhores, dos relacionamentos entre as pessoas e o mundo que as cercam, da natureza, da fé, das motivações humanas”.¹⁶

Esta proposta de uma espiritualidade manifesta busca ganchos relevantes na Teologia da Cultura de Tillich, também. O ilustre teólogo entendia, pois, que a religião e a cultura nascem do anseio humano pelo incondicional, pela realidade última. Por isso, religião e cultura encontram-se e complementam-se. Tillich, ao citar o pensamento de Buber, reforça esta ideia de encontrar no mundo fortes rastros do sagrado, lançando mão da peculiar visão do movimento hassídico¹⁷, conforme vemos a seguir:

A religião, para o hassidismo, assim como para Buber, consiste na consagração do mundo. Não é a aceitação do mundo como ele é nem seu abandono na direção do divino transcendente, mas sua consagração no sentido de ver o divino em tudo. Esta atitude anula o dualismo do sagrado e do secular. Apesar da observância da doutrina e do culto, e da ênfase no diálogo contínuo entre a alma individual e Deus na oração e na meditação, a característica do hassidismo é sua maneira de ver o mundo e de agir nele.¹⁸

Murad nos fala sobre esta espiritualidade da relação, na relação e a partir da relação, elencando importantes elementos para a vivência espiritual, como podemos observar no formato pergunta e respostas, abaixo:

Quais seriam os traços comuns das espiritualidades, considerando a sabedoria das grandes religiões da humanidade e a sensibilidade do homem e da mulher de hoje? Elas se caracterizam, especialmente, por:

- Assumir uma postura de vida de “ser do Bem”, em todos os seus relacionamentos.

¹⁴ REBLIN, Iuri Andréas. Por que uma teologia do cotidiano? In: *Uma religião chamada Brasil* [recurso eletrônico] estudos sobre religião e contexto brasileiro / Oneide Bobsin, ... [et al.], orgs. – [2. ed.] – São Leopoldo: Oikos; Faculdades EST, 2012. p. 88.

¹⁵ REBLIN, 2012, p. 88.

¹⁶ REBLIN, 2012, p. 88.

¹⁷ BLECH, 2004, p. 351. Eis uma breve apresentação sobre o movimento sob o termo chassidismo: “Nos anos 1700, o movimento conhecido como Chassidismo foi fundado por Israel bem Eliezer, mais conhecido como o *Ball Shem Tov* ou o *Bescht*. Até então, o judaísmo dava uma importância maior aos estudos; somente os eruditos eram admirados. A vivência religiosa era um domínio da mente e somente a erudição séria era considerada como maneira legítima de servir a Deus”.

¹⁸ TILLICH, Paul. *Teologia da cultura*. São Paulo: Fonte, 2009. p. 250.

- Buscar um sentido integrador para a existência pessoal, coletiva e cósmica.
- Aprender do caminho espiritual das várias religiões, valorizando seus símbolos e ritos.
- Superar os excessos das religiões históricas, tais como a repressão sexual, o conformismo diante do sofrimento, a culpabilidade trágica e infantil, a figura patriarcal e autoritária de Deus, a intolerância com as outras expressões religiosas.
- Promover a cultura da paz, desenvolvendo a tolerância e o respeito às diversidades, em todas as suas formas (étnica, cultural, de gênero, sexual, religiosa, etc.).
- Cultivar o cuidado com o ecossistema, através de atitudes pessoais e ações coletivas que visam à sustentabilidade.
- Aderir a um estilo de vida saudável.
- Fazer um caminho de evolução espiritual, pela integração das pulsões, autoconhecimento, cultivo da sabedoria e iluminação.¹⁹

Assim, depois destas comparações elucidativas, voltamos a perceber – dentre as argumentações específicas desta pesquisa – como culmina este processo. Nesta que convencionamos nomear “espiritualidade manifesta”; ou seja, na espiritualidade que não é algo pessoal, íntimo apenas; mas, antes, que tem a ver com as relações, com a amizade, e que inclui a hospitalidade, a convivência, a comensalidade e, até mesmo, o casamento.

E, no tocante ao comparativo com culto, não posso deixar de referir experiência pessoal e ministerial em que – durante certo tempo – cultos da congregação que pastoreio²⁰ ocorriam, justamente, no ambiente de uma cafeteria. Preciso dizer, como impressão particular (mas não única) que foi o ambiente mais acolhedor, familiar e aquecido em que aquela, ainda jovem comunidade de fé, esteve, até então. Não raro, a proximidade com a comida reconfortante, o aroma do café e do chá servidos antes, durante e depois de cada culto, falava de complementariedade, tanto esperada, quanto desejada. O culto precisa, evidentemente, de um “[...] lugar definido, delimitado e apartado, onde as pessoas possam se reunir para tal atividade”²¹. E que, também, faça sentido para as pessoas participantes.

¹⁹ MURAD, Afonso. *Gestão e Espiritualidade*. Uma porta entreaberta. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 124-125.

²⁰ Congregação Batista Pioneira Metropolitana de Porto Alegre, projeto missionário da Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil.

²¹ SCHMIDT-LAUBER, 2011, p. 144.

Ora, este espaço precisa ser lido “como se fosse um livro”²², pois o mesmo narra, em um determinado período de tempo, uma história que convida para que sejamos mais do que ouvintes, mas participantes, também. Assim, toda vez que o espaço serve ao propósito cúllico, neste serão impressas narrativas próprias, a partir das percepções individuais e comunitárias.

À semelhança do que acontece com a percepção do tempo, também na percepção de locais e espaços é possível distinguir diversos níveis de sentido, que se sobrepõem e, ao mesmo tempo, se permeiam. Eles alcançam desde a paisagem que se encontra e se concebe como natureza, passando por uma modificação cultural e edificação, até sua transcendência religiosa, tornando-se um “lugar sagrado” [...] existe uma correspondência entre certo lugar cultural e o segredo divino ali celebrado [...] o saber religioso – como o saber cultural em geral – não é transmitido somente em textos literários. Ele também se encontra registrado no espaço.²³

Outros rumos para as comunidades de fé em contextos cosmopolitas

E não é disso (amizade, comunhão, continuidade, crescimento e maturidade) que se propõem a falar, ministras e ministros, pastoras e pastores, cristãs e cristãos, nas mais variadas e diversificadas tradições e denominações cristãs? Qual tem sido o resultado efetivo quando se tenta oportunizar inícios e/ou manutenção de amizades em/atraves das comunidades de fé? Será que se atinge este mesmo resultado vislumbrado na *sitcom Friends*, ou seja, amizades que permanecem? Será que se alcança algo semelhante com todas as nossas doutrinas, regras e – por vezes – poderosas (e humanas) palavras de medo e culpa?

Em especial, será que o que se comunica (com as melhores intenções) diz algo para o público em contexto urbano? Na *sitcom Friends*, que não apresenta nenhum compromisso oficial com uma ou outra tradição de fé, este intento encontra êxito e traz encorajamento para seu público assistente. Será que inventaram uma outra amizade possível ou, simplesmente, nossas comunidades de fé falham diante dos indicadores propostos por Boff: seja na hospitalidade, na convivência e/ou na comensalidade? A questão vital é que um dos seriados mais famosos de todos os tempos encerra o seu ciclo de atividades dando conta de que amizade (e porque não dizer amizade cúllica?) é importante e, vejam só, que casamento também. O que podemos deduzir disto? Poderíamos negar que o público que assiste torce

²² SCHMIDT-LAUBER, 2011, p. 144.

²³ SCHMIDT-LAUBER, 2011, p. 144.

para que dê certo? Estariam ali descritos alguns de nossos anseios e necessidades? Saberíamos nós, portadoras e portadores da Palavra de esperança, galgar mesmos resultados?

Obviamente que a aceitação da religião com as suas “regras e formalidades mecanicistas” cada vez mais parece distanciar instituições religiosas de futuros fiéis; mas, ao mesmo tempo, é inegável a existência de um desejo inato de relacionar-se com o transcendente. Diante disso, pode-se sugerir uma nova postura, tal qual propõe trecho de documento da CNBB: “Jesus supera as barreiras de sexo, de religião, de etnia, e de classe. Ele não se fecha dentro de sua própria cultura, mas sabe reconhecer as coisas boas que existem em todas as pessoas.”²⁴

Enfim, a espiritualidade manifesta percebida e proposta, a partir da *sitcom Friends* tem muito destes elementos relacionais e de cuidado. As crises de ausência, da família, da casa, da história de natural acolhida que – presumidamente – toda pessoa, em dignidade humana, deveria ter, nos direcionam para uma busca de sobrevivência espiritual, de nova acolhida, nova família, nova casa e de continuidade da história pessoal dentro de uma história comunitária. Ou, no dizer de Boff, esta “espiritualidade tão esquecida e tão necessária”²⁵ que nos “é condição para uma vida integrada e singelamente feliz. Ela exorciza o complexo mais difícil de ser integrado: o envelhecimento e a morte”²⁶ – aquele envelhecimento e aquela morte sem ninguém por perto, sem aquela pessoa para aquecer a mão, beijar o rosto e rememorar a jornada e, por isso, amenizar, ou mesmo retirar, a dor de uma nova ausência, pois esta já não existe mais:

Para a pessoa espiritual o envelhecer e o morrer pertencem à vida, não matam a vida, mas transfiguram a vida, permitindo um patamar novo para a vida. Assim como ao nascer, nós mesmos não tivemos que nos preocupar, pois, a natureza agiu sabiamente e o cuidado humano zelou para que esse curso natural acontecesse, assim analogamente com a morte: passamos para outro estado de consciência sem nos darmos conta dessa passagem. Quando acordamos nos encontraremos nos braços aconchegantes do Pai e Mãe de infinita bondade, que desde sempre nos

²⁴ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidades de comunidades: uma nova paróquia*. Brasília: CNBB, 2013. p. 25.

²⁵ BOFF, Leonardo. *Espiritualidade, dimensão esquecida e necessária*. Disponível em: <<http://leonardoboff.com/site/vista/outros/espiritualidade.htm>>. Acesso em: jan. 2014.

²⁶ BOFF, Leonardo. *Espiritualidade, dimensão esquecida e necessária*. Disponível em: <<http://leonardoboff.com/site/vista/outros/espiritualidade.htm>>. Acesso em: jan. 2014.

esperavam. Cairemos em seus braços. E então nos perdemos para dentro do amor e da fonte de vida.²⁷

O que sugerir para uma comunidade de fé que se compromete em se fazer relevante ao seu redor, para com o seu povo; e, também, para aquelas e aqueles que chegarão, ainda?

Obviamente para as pessoas religiosas, esse Centro é Deus e os apelos que dele derivam é sua Palavra. As religiões vivem desta experiência. Articulam-na em doutrinas, em ritos, celebrações e em caminhos éticos e espirituais. Sua função primordial reside em criar e oferecer condições para que cada pessoa humana e as comunidades possam fazer um mergulho na realidade divina e fazer a sua experiência pessoal de Deus. Essa experiência porque é experiência e não doutrina tem como efeito a irradiação de serenidade, de profunda paz e de ausência do medo. A pessoa sente-se amada, acolhida e aconchegada num Útero divino. O que lhe acontecer, acontece no amor desta Realidade amorosa. Até a morte é exorcizada em seu caráter de espantinho da vida. É vivida como parte da vida, como o momento alquímico da grande transformação para poder estar, de fato, no Todo e no coração de Deus.²⁸

Pode-se propor algo objetivo? Talvez princípios, pois regras, como já se sugeriu, podem – pela rigidez – mecanizar as relações. As comunidades de fé precisam tornar-se – de fato – promotoras de ambientes relacionais e nestes ancorados. Não apenas esperar que as pessoas venham, mas ir, também, individualmente e em grupo. Tornar-se mais flexível em sua mobilidade; não apenas propor o sagrado, com endereço físico, mas oportunizar que o sagrado ande, caminhe e chegue naquelas e naqueles que física, emocional e espiritualmente não mais podem andar.

Ouvi, certa vez, de alguém que se achegava a uma nova e nascente comunidade de fé: “ – A igreja está doente!”, lembro-me como aquilo me soou estranho; afinal de contas, se a comunidade é chamada para se alegrar com quem se alegra e, também, para chorar com quem chora (considerando a passagem bíblica de Romanos 12.15), o que faremos diante do choro da pessoa adoentada (física, emocional, espiritualmente)? Excluir-se-á quem sofre? Se propomos cuidadoras e cuidadores, não o fazemos porque já percebemos a necessidade de sermos cuidadas e cuidados, também? Minha resposta àquela abordagem de teor pseudo-triunfalista, insensível e arrogante: “ – A igreja sempre conviverá com a doença, tal qual um hospital”. Tal qual uma família não deve contar com momentos felizes somente, de mesma

²⁷ BOOF, Leonardo. Espiritualidade, dimensão esquecida e necessária. Disponível em: <<http://leonardoboff.com/site/vista/outros/espiritualidade.htm>>. Acesso em: jan. 2014.

²⁸ BOOF, Leonardo. Espiritualidade, dimensão esquecida e necessária. Disponível em: <<http://leonardoboff.com/site/vista/outros/espiritualidade.htm>>. Acesso em: jan. 2014.

sorte, a comunidade de fé. Por isso mesmo, sempre deve ser oportunizado apoio, restauração e esperança, de maneira recorrente e sistemática; lembrando Boff, através da acolhida (hospitalidade), da coexistência (convivência) e do alimento físico e espiritual (comensalidade). Ou, como nos diz Nouwen:

Tudo isso sugere que, quando se tem a coragem de entrar onde a vida é experimentada como singular e mais particular, toca-se a alma da comunidade. O homem que despendeu muitas horas tentando entender, sentir e esclarecer a alienação e a confusão de algum de seus companheiros pode muito bem ser o mais preparado para falar às necessidades de muitos, porque todos os homens são alguém na fonte da corrente da dor e da alegria.²⁹

Esperança torna-se alvo, então, para o indivíduo e a comunidade que sofrem. Pois “[...] a mais profunda motivação para guiar nosso companheiro ao futuro é a esperança. Porque a esperança torna possível olhar para além do cumprimento de vontades urgentes e de desejos angustiantes [...]”.³⁰ Tem-se, assim, reavivamento de uma visão que vai além, até mesmo “[...] para além do sofrimento e mesmo da morte”.³¹

Uma dinâmica visando o cuidado intencional precisa ser oportunizada e vivenciada nas diversas tradições de fé para que se façam relevantes diante de um contexto propício ao sofrimento: o ambiente urbano, com suas dores e seus dissabores. A dimensão para tal ação é muito ampla, visto que a “[...] realidade urbana não é mais uma condição de posicionamento geográfico apenas [...]”.³² Os estereótipos do que é urbano e do que é rural diminuem em distância, na medida em que se pode observar, atualmente, “[...] que a cultura urbana invade cidades, antes tidas como interioranas e associadas, comumente, a um ritmo, a uma cultura e a uma agenda relacionada às coisas do campo”.³³

A comunidade de fé precisa aderir a esta proposta que oferece lugar ou espaços para o início e a manutenção de amizades. Talvez seja oportuno lançar mão de mecanismos capazes de proporcionar tal dimensão de relacionamento, ou seja, “[...] ambientes acolhedores nos diversos espaços disponíveis em nossas comunidades de fé”.³⁴ Para tanto, Almeida chama atenção das comunidades interessadas:

²⁹ NOUWEN, Henri J. M. *O sofrimento que cura*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 110.

³⁰ NOUWEN, 2007, p. 113.

³¹ NOUWEN, 2007, p. 113.

³² ALMEIDA, Paulo Felipe Teixeira. Pequenos grupos: alternativa e vivência de espiritualidade nos centros urbanos. In: *Revista Batista Pioneira: Bíblia, Teologia, Prática*, Ijuí (RS), v.2, n. 2, dez. 2013. p. 324.

³³ ALMEIDA, 2013, p. 324.

³⁴ ALMEIDA, Paulo Felipe Teixeira. Pequenos grupos missionários: mãos, braços ou corpo de Cristo? In: *Revista Batista Pioneira: Bíblia, Teologia, Prática*, Ijuí (RS), v.1, n. 2, dez. 2012. p. 241.

[...] igrejas locais que enfrentam a necessidade de demonstrar o amor de Cristo por todas as pessoas de maneira significativa devem considerar seriamente a transformação cultural da própria organização e de seus representantes, em todos os níveis da mesma. E isto a ponto de ir além de iniciativas isoladas e exclusivistas, mas com força de gerar novo fluxo cultural coletivo e comunitário, de tal forma que seja natural na rotina de nossas comunidades de fé acolher as pessoas [...].³⁵

Esta perspectiva é, antes, partilhada em Burke, quando expõe e confronta a comunidade cristã sobre o não cumprimento de seu chamado para com o devido comprometimento com o ministério da reconciliação,

Nossa geração anseia por uma profunda união, ainda que geralmente estabeleça formas de relacionamento superficiais. Na esteira de um índice tão alto de divórcios, negligência e abuso, as novas gerações anseiam por envolvimento, mesmo tendo sido programadas para a solidão. Ser solitário é mais do que apenas estar só. A solidão surge quando alguém deseja que as pessoas o vejam e o conheçam e mesmo assim ainda se sente só, embora rodeados de amigos. Se as igrejas não ajudarem as pessoas a se envolverem na comunidade de Cristo de uma forma significativa, terão falhado em desempenhar plenamente o ministério da reconciliação, de reconstruir relacionamentos autênticos, que o Senhor nos confiou.³⁶

O ingresso deste desafio nas comunidades de fé exigirá olhares que alcancem aquelas e aqueles que se achegam. E imaginar que este processo ocorrerá, automaticamente, nos habituais ambientes, os maiores, como os espaços dedicados para as celebrações dominicais, por exemplo, pode se mostrar insuficiente e/ou não efetivo.

O que se pode observar, de forma recorrente, é que temos maior facilidade de inserção em ambientes/grupos menores, nos quais as pessoas podem ser mais facilmente percebidas, como também podem exercitar a percepção de si mesmas nas outras pessoas, e nisso, vivenciar o princípio da comunitariedade.³⁷

As relações precisam ser fortalecidas pela proximidade e pela convivência. Isto precisa de condições específicas, voltadas para este intento, tal qual Foster se alinhando ao pensamento de Schleiermacher que mostra como comunidades de fé devem se posicionar e agir: “[...] Falando, ouvindo e adorando juntos, somos capazes de compartilhar nossas experiências espirituais e assim obtermos mais discernimento, com base no que é compartilhado.”³⁸ O permanecer juntos e unidos, então, nos é benéfico, traz direção e permite-nos ter “[...] compreensão dessas experiências e demonstra que a Igreja verdadeira

³⁵ ALMEIDA, 2012, p. 243.

³⁶ BURKE, John. *Proibida a entrada de pessoas perfeitas: um chamado à tolerância na igreja*. São Paulo: Vida, 2006. p. 341.

³⁷ ALMEIDA, 2012, p. 244.

³⁸ FOSTER, Richard. *Sedentos por Deus: os sete caminhos da devoção cristã*. São Paulo: Vida, 2009. p. 226.

é baseada na troca, não em hierarquias repressivas [...]”³⁹, em que as relações de poder suplantam e sufocam as relações de amizade. É preciso zelar por “[...] uma comunidade em que a religião verdadeira seja a troca entre iguais que experimentam a Deus”.⁴⁰

Necessário é, também, reconhecer que a presença – por si só – já diz muito, visto que aquela ou aquele que procura e, portanto, se faz presente diz algo, mesmo quando não fala. Esta linguagem – corporal – tem sua expressividade cúltica; a contração das feições faciais, o movimento de braços, e mesmo um leve movimento do corpo ou, ainda, um ajuste onde se assenta ou se posiciona; enfim, “o fato de poder se movimentar no espaço, mudar sua postura, fazer uso de seus membros, dançar, tocar outras pessoas [...]”⁴¹, em tudo, mostra influência e, da mesma forma, influencia, durante o culto, como registra Bieritz,

[...] não apenas age como comunicador, mas é, ele próprio significante e significado, forma e sentido do signo. Isso vale para o indivíduo que executa o ato litúrgico em determinado tempo, em determinado lugar. Já pela sua presença corporal, ele faz parte dos fatores que constituem o acontecimento, assim como o espaço, o tempo, e os elementos acionados na liturgia. Tudo isso vale com razão ainda maior para corporeidade congregada da comunidade, caso se conte tal socialidade como uma das condições do ser-humano, dadas na criação.⁴²

Se alguém disser ou mesmo pensar que cuidado não é fácil, correto é este pensamento. “Cuidado é uma arte.”⁴³, segundo Boff, que nos chama atenção:

Como pertence à essência do humano ele sempre está disponível. Como tudo o que vive tem que ser sustentado, ele também precisa ser alimentado. O cuidado se alimenta de vigilante preocupação com o seu futuro. Isso se faz às vezes reservando-se momentos de meditação e reflexão sobre si mesmo, fazendo silêncio ao seu redor, concentrando-se em alguma leitura que lhe alimenta o espírito e, não em último lugar, entregando-se à oração e à abertura Àquele maior que detém o sentido de nossas vidas e conhece todos os nossos mais íntimos segredos.⁴⁴

Este esforço, certamente, exigirá ação em conjunto. Não se pode ter a ilusão de que outras pessoas irão aderir sem antes perceber esta dinâmica. Lideranças podem ser exigidas, anteriormente, a pagar o preço da implementação, o que significa dizer que estas mesmas devam buscar apoio em colegiados, profissionais e colegas. Assim, ter-se-á consistência para

³⁹ FOSTER, 2009, p. 226.

⁴⁰ FOSTER, 2009, p. 226.

⁴¹ SCHMIDT-LAUBER, 2011, p. 148.

⁴² SCHMIDT-LAUBER, 2011, p. 147.

⁴³ BOFF, 2012, p. 152.

⁴⁴ BOFF, 2012, p. 152-153.

partilhar algo que também se tenha recebido. Lembrando da dinâmica sobre o amor, exposta em 1João 4.16-18:

Assim conhecemos o amor que Deus tem por nós e confiamos nesse amor. Deus é amor. Todo aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele. Dessa forma o amor está aperfeiçoado entre nós, para que no dia do juízo tenhamos confiança, porque neste mundo somos como ele. No amor não há medo; ao contrário o perfeito amor expulsa o medo, porque o medo supõe castigo. Aquela que tem medo não está aperfeiçoado no amor.⁴⁵

É preciso, afinal, reconhecer que nós “[...] amamos porque ele nos amou primeiro”.⁴⁶ (1João 4.19). Somos, portanto, independente de cargos, funções, hierarquias, poderes e influências, frágeis, limitadas e limitados, carentes de todo o amor proveniente, “[...] em última análise, de Deus; o amor genuíno nunca é gerado por suas criaturas.”⁴⁷ Reconhecer tal coisa nos traz de volta a humildade que integra, que aceita a outra pessoa, que recebe e amplia o cuidado e o distribui, livremente.

Para encerrar, um *ristretto*

Da nossa parte, na condição de comunidades de fé desejosas quanto a fazer a diferença, seja ao redor, seja para com todas e com todos com quem já interagimos, precisamos de humildade e ousadia. Ou, na declaração de Francisco,

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo actual que à auto-preservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de «saída» e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade. Como dizia João Paulo II aos Bispos da Oceânia, «toda a renovação na Igreja há-de ter como alvo a missão, para não cair vítima duma espécie de introversão eclesial».⁴⁸

Não seria salutar desmembrar a realidade cültica da cultural, pois uma poderá ser explicada e compreendida pelos elementos da outra e vice-versa, fazendo destas elementos que se complementam, e que não precisam competir entre si.

⁴⁵ BÍBLIA, 2003, p. 2154-2155.

⁴⁶ BÍBLIA, 2003, p. 2155.

⁴⁷ BÍBLIA, 2003, p. 2155.

⁴⁸ FRANCISCO, Papa. Primeira exortação apostólica do Papa Francisco. *Rádio Vaticano*. Disponível em: <http://pt.radiovaticana.va/news/2013/11/26/primeira_exorta%C3%A7%C3%A3o_apost%C3%B3lica_do_papa_francisco/bra-750057>. Acesso em: jan. 2014.

Isso vale naturalmente também para o culto, ou seja, para a forma de ação em que esse cristianismo – com tudo o que o fundamenta e move – se representa, testemunha e realiza, através da comunicação simbólica. Em toda a sua história, o culto cristão sempre foi uma manifestação e um meio de contínua aculturação da fé cristã.⁴⁹

E, ainda, vale salientar o zelo para que uma coisa não se torne maior que outra. O culto ou sua liturgia não deveria, portanto, ser tão finita em si mesma (ensimesmada) que se exclua da realidade que o cercam. De outra forma, a abertura não pode ser tal que se perca o horizonte da finalidade cültica, mais ainda no contexto cristão. Necessita-se sim, de “um modelo cultural criticamente refletido que seja compatível com os padrões da interpretação teológicos com os quais ela trabalha”⁵⁰.

Lembrando, no entanto, que por mais elaborado que seja este exercício, tal necessitará “da forma cultural para se expressar e se comunicar”⁵¹. Pois sendo, ele mesmo (o culto), “um fenômeno cultural, o culto cristão participa naturalmente daqueles processos da produção de signos e do intercâmbio de signos mediante os quais a cultura continuamente formula, ordena, transmite e renova seu”⁵² contexto.

Referências

ADAM, Júlio César. Da ficção científica para a ficção religiosa: ideias para pensar o cinema de ficção científica como o culto da religião vivida. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 10, n. 26, abr./jun. 2012a.

_____. Deuses e liturgias as mídias. In: SCHAPER, Valério Guilherme et alii (Orgs.). *Deuses e ciências na América Latina*. São Leopoldo: Oikos; EST, 2012b.

ALMEIDA, Paulo Felipe Teixeira. *Espiritualidade manifesta: sitcom Friends em diálogo com princípios de Leonardo Boff sobre espiritualidade*. São Leopoldo, RS, 2014. 76 p. Dissertação (Mestrado Profissional) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2014.

_____. Pequenos grupos: alternativa e vivência de espiritualidade nos centros urbanos. In: *Revista Batista Pioneira: Bíblia, Teologia, Prática*, Ijuí (RS), v.2, n. 2, dez. 2013.

_____. Pequenos grupos missionários: mãos, braços ou corpo de Cristo? In: *Revista Batista Pioneira: Bíblia, Teologia, Prática*, Ijuí (RS), v.1, n. 2, dez. 2012.

⁴⁹ SCHMIDT-LAUBER, 2011, p. 150.

⁵⁰ SCHMIDT-LAUBER, 2011, p. 150.

⁵¹ SCHMIDT-LAUBER, 2011, p. 151.

⁵² SCHMIDT-LAUBER, 2011, p. 155.

BÍBLIA de estudo NVI. São Paulo: Vida, 2003.

BOFF, Leonardo. Espiritualidade, dimensão esquecida e necessária. Disponível em: <<http://leonardoboff.com/site/vista/outros/espiritualidade.htm>>.

_____. *O cuidado necessário*: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. *Virtudes para um outro mundo possível*, vol. I: hospitalidade: direito e dever de todos. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. *Virtudes para um outro mundo possível*, vol. II: convivência, respeito e tolerância. Petrópolis: Vozes, 2006a.

_____. *Virtudes para um outro mundo possível*, vol. III: comer e beber juntos e viver em paz. Petrópolis: Vozes, 2006b.

BLECH, Benjamin. *O mais completo guia sobre judaísmo*. São Paulo: Sêfer, 2004.

BURKE, John. *Proibida a entrada de pessoas perfeitas*: um chamado à tolerância na igreja. São Paulo: Vida, 2006.

CARDOSO, Clarice. O que foi feito do grupo de amigos dez anos depois de “Friends”. *O Estado de S. Paulo*, 8 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/arte-e-lazer,o-que-foi-feito-do-grupo-de-amigos-dez-anos-depois-de-friends,1127902,0.htm>>.

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Comunidades de comunidades*: uma nova paróquia. Brasília: CNBB, 2013.

FRANCISCO, Papa. Primeira exortação apostólica do Papa Francisco. *Rádio Vaticano*. Disponível em: <http://pt.radiovaticana.va/news/2013/11/26/primeira_exorta%C3%A7%C3%A3o_apost%C3%B3lica_do_papa_francisco/bra-750057>. Acesso em: jan. 2014.

FOSTER, Richard. *Sedentos por Deus*: os sete caminhos da devoção cristã. São Paulo: Vida, 2009.

GOUVEIA, Julia. Friends, Sex and the city, Seinfeld: a nova York dos seriados. *Viagem, Blog da VT*, 5 set. 2012. Disponível em: <<http://viajeaqui.abril.com.br/blog/blog-da-vt/2012/09/05/friends-sex-and-the-city-seinfeld-a-nova-york-dos-seriados/>>.

MURAD, Afonso. *Gestão e Espiritualidade*. Uma porta entreaberta. São Paulo: Paulinas, 2007.

NOUWEN, Henri J. M. *O sofrimento que cura*. São Paulo: Paulinas, 2007.

REBLIN, Iuri Andréas. Por que uma teologia do cotidiano? In: *Uma religião chamada Brasil* [recurso eletrônico] estudos sobre religião e contexto brasileiro / Oneide Bobsin, ... [et al.], orgs. – [2. ed.] – São Leopoldo: Oikos; Faculdades EST, 2012.

SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich. *Manual de ciência litúrgica: ciência litúrgica na teologia e prática da igreja*. São Leopoldo: Faculdades EST, Sinodal, 2011.

TILLICH, Paul. *Teologia da cultura*. São Paulo: Fonte, 2009.